

**A MATERIALIDADE DOS SENTIDOS: a análise de discurso
como eixo de compreensão das relações de comunicação
no mundo do trabalho¹**
**THE MATERIALITY OF MEANINGS: discourse analysis as
an axis for understanding communication relations in the
world of work**

Roseli Fígaro ²
Jamir Kinoshita³
Yonara Santana⁴
Daniela Ferreira de Oliveira⁵

Resumo: *A partir de revisão bibliográfica que mostra como as palavras, a linguagem e o pensamento são mobilizados para constituir as relações sociais, pretende-se pontuar a relevância da análise do discurso para se compreender as relações de comunicação no mundo do trabalho. Com base na perspectiva da ontologia do ser social e a análise de discurso, são exibidos e interpretados enunciados de trabalhadores de três pesquisas recentes. Com perfis profissionais distintos, os estudos trazem em comum as dificuldades, as dicotomias e os desafios inerentes a cada uma das atividades de trabalho investigadas. No cerne das discussões estão questões como o viés neoliberal que influencia a esfera laboral, os efeitos da plataformação do trabalho, além do duplo caráter do trabalho enquanto elemento que confere reconhecimento ao ser humano e atribui valor de uso à atividade desenvolvida.*

Palavras-Chave: *Comunicação e trabalho. Linguagem e pensamento. Análise de discurso.*

Abstract: *Based on a literature review that shows how words, language and thought are mobilized to constitute social relations, the aim is to highlight the relevance of discourse analysis for understanding communication relations in the world of work. Based on the perspective of the ontology of social being and discourse analysis, workers' statements from three recent studies are shown and interpreted. With different professional profiles, the studies have in common the difficulties, dichotomies and challenges inherent in each of the work activities investigated. At the heart of the discussions are issues such as the neoliberal bias that influences the sphere of work,*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 33º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

² Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). E-mail: roseli.figaro@gmail.com.

³ Doutorando em Ciências da Comunicação na ECA-USP e pesquisador do CPCT. E-mail: kinoshita.jamir@gmail.com.

⁴ Mestra em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisadora do CPCT. E-mail: yonara211@gmail.com.

⁵ Doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP e pesquisadora do CPCT. E-mail: danifeoli@gmail.com.

the effects of the platformization of work, as an element that gives recognition to the human being and attributes use value to the activity carried out.

Keywords: *Communication and work. Language and thought. Discourse analysis.*

1. Introdução

Os sentidos das palavras têm base concreta, objetividade material. Representam visões de mundo e estão conectados às relações da vida cotidiana. Para evidenciar tal materialidade, a concretude e a força dos sentidos dos discursos, este artigo retoma discussões quanto aos avanços do conhecimento científico sobre a relação linguagem/pensamento (VYGOTSKY, 2005), as teorias dos signos (FIORIN, 2013) e o valor das palavras, cujos sentidos se conformam nas relações sociais (BACCEGA, 1995).

Essa retomada teórica visa discutir a palavra como parte da atividade de trabalho na forma de orientações e práticas profissionais, organização e planejamento, bem como aspecto das relações e identidades entre trabalhadores. Essa discussão é aplicada por meio da análise de discurso (ORLANDI, 2007) e das atividades languageiras (BOUTET, 2006) de trabalhadores de três categorias: publicitários na função de mídias; profissionais de tecnologia da informação (TI) e uma advogada que é pessoa com deficiência (PcD) motora. O artigo não tem o objetivo de comentar, reforçar ou revelar o que as pesquisas (OLIVEIRA, 2024; SANTANA, 2023; KINOSHITA, 2024) de cada setor profissional já discutiram. A proposta é verificar como os sentidos do trabalho são construídos no desempenho profissional. As pesquisas no binômio comunicação e trabalho privilegiam entender as relações de comunicação no mundo do trabalho (FÍGARO, 2018). Neste aspecto, os discursos dos trabalhadores são destacados.

As escolhas teóricas que se fazem nessa argumentação são particulares e não pretendem identificar um fio condutor temporal ou entre paradigmas. Apenas fazem emergir conexões contraditórias e opositivas entre os autores discutidos para sobrelevar a importância da linguagem no mundo do trabalho. O artigo está estruturado em cinco partes: introdução; discussão teórica sobre a língua e a produção de sentidos; metodologia das pesquisas em comunicação e trabalho; análise dos discursos e considerações finais.

2. Produção de sentidos: linguagem, pensamento, sociedade

Para desenvolver essa argumentação, adota-se uma linha de pensamento que vê relações entre autores e teorias que nasceram em épocas e locais diferentes, com abordagens filosóficas também diferentes. Assim, almeja-se construir relações entre autores e teorias, sem um traçado linear entre elas. Abordam-se suas contradições e negações, mas se observa certa coerência no desenvolvimento do conhecimento sobre o tema.

Tais relações contraditórias e opositivas entre correntes teóricas são observadas a partir da perspectiva teórica de que a relação linguagem/pensamento (VYGOTSKY, 2005; LEONTIEV, 2004) é produto da ontologia do ser social (LUKÁCS, 2012), fazendo parte do desenvolvimento das relações entre seres humanos e natureza, constituindo nossa espécie.

Vygotsky (2005, p. 5) explica que “[...] é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal.” O pensamento se processa na semiose simultânea entre a capacidade de abstração e de significação. A palavra é a unidade de significação que nos permite falar e pensar. Essa descoberta, fruto das pesquisas do autor sobre desenvolvimento infantil, prova que o desenvolvimento da fala e do aprendizado dependem das interações sociais e das condições de vida em que tais interações se dão. Ele projeta essa descoberta para entender o processo da ontogênese e da sociogênese humana e identifica a atividade de trabalho como o marco que dá origem à espécie e à sua diferença de outros seres vivos, a capacidade de abstração, planejamento e dimensionamento no tempo. As conclusões são precedentes a outros estudiosos da época, sobretudo Leontiev, que avança nas pesquisas e trata do desenvolvimento da psique e do papel do trabalho e da linguagem nesse processo único que funda a espécie humana.

Sem relações diretas conhecidas entre Vygotsky e Volochinov, vê-se certa complementaridade entre suas obras, pois para Volochinov e o círculo de Bakhtin a palavra é um signo ubíquo que se constitui nas relações sociais, momento em que os sentidos tomam a roupagem ideológica do contexto dessas relações. Assim como Vygotsky, ele explica que não existe pensamento fora da linguagem. O signo é o material semiótico, concreto, material que permite a comunicação.

A comunicação verbal está diretamente relacionada às comunicações de outros tipos, por terem surgido no terreno comum da comunicação produtiva. [...] A língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. (VOLOCHINOV, 2017, p. 220)

Impressiona a similaridade de conclusões a que chegam Vygotsky, Volochinov e Leontiev. Destaque para o que diz este último autor:

Os fins da ação intelectual no homem não são apenas sociais por natureza, vimos que os modos e os meios desta ação são igualmente elaborados socialmente. Por consequência, quando aparece o pensamento verbal abstrato, ele não pode efetuar-se a não ser pela aquisição pelo homem de generalizações elaboradas socialmente, a saber os conceitos verbais e as operações lógicas, igualmente elaboradas socialmente. (LEONTIEV, 2004, p. 91)

Essa similaridade de descobertas tem em comum a crítica ao idealismo filosófico que, aliado à abordagem positivista e behaviorista dos estudos da língua (semiologia saussuriana e psicologia behaviorista), limita o conhecimento sobre a complexidade das relações sociais e da formação das subjetividades. As formas de produzir ciência dos três estudiosos consideram a materialidade do movimento da história nas formações sociais e no desenvolvimento da espécie.

Quase 30 anos antes, a despeito dos limites da Semiologia para se compreender o processo de produção de sentidos, é preciso destacar a genialidade de Saussure ao tomar a abstração *língua* como objeto de estudo, ou seja, tomar a língua como abstração a despeito do idioma de cada povo.

Saussure organiza os resultados de seu estudo sobre a linguagem verbal em dualidades (2006). O signo é definido como unidade de duas faces: significante e significado; a língua se constitui em dois eixos – paradigma (eixo da seleção) e sintagma (eixo da combinação); a língua é um sistema de diferenças e valores; a língua é instituição social e a fala é individual; o estudo da semiologia é sincrônico, enquanto o estudo diacrônico é visto como desenvolvimento histórico da língua de um povo. As dualidades caracterizam todas as línguas e são abordadas como elementos em si, que podem ser articulados (significante e significado; paradigma e sintagma; valor e diferença) ou não articulados (diacronismo, sincronismo; língua, fala).

Se há limitações para caracterizar a língua e suas relações internas como propriedades em si, a-históricas, há sem dúvida uma contribuição ímpar: identificar a língua como um objeto a ser estudado, cuja função é a comunicação. Saussure funda a Linguística moderna e em torno de sua teoria dá-se origem a um século de debates sobre a pertinência das dualidades identificadas. O positivismo adotado por ele não lhe permite ver as relações materiais e históricas na linguagem verbal. Daí que as dualidades que identifica no funcionamento da língua são funcionais e estanques, não se relacionam nem há contradições como motor de novas situações e realidades. A busca da objetividade, no positivismo, é incapaz de compreender que

natureza e sociedade são históricas e dialéticas, e o movimento da matéria, seja social ou natural, é a força que dá origem às transformações reais.

As dualidades que Saussure identificou na língua foram questionadas por Volochinov e o círculo de Bakhtin, e mesmo os estudos de Vygotsky e Leontiev são produtos do questionamento das ciências positivistas e behavioristas do início do século XX. Ao longo dos estudos linguísticos vão se consagrando, a partir da crítica a Saussure, mas sempre partindo dele, avanços na compreensão do fenômeno língua, signo e significação.

Os fundadores da psicologia histórico-cultural – Vygotsky e Leontiev (Aleksandr Lúria) – consideram a relação pensamento/linguagem como base do desenvolvimento das relações sociais e, por conseguinte, os sentidos das palavras como aspecto social da formação da psique. Dessa forma, as relações sincrônicas e diacrônicas não podem ser entendidas separadamente. O valor do signo está nos sentidos que adquire nas relações concretas na sociedade e na história.

Para Volochinov, o valor como diferença do signo emerge nas relações de comunicação, pois não há o signo em si, fora da comunicação. O valor ideológico do signo se materializa na comunicação, assim se dá a ubiquidade da palavra que pode ocupar qualquer lugar no discurso e, ao fazê-lo, assume um valor ideológico próprio na materialidade desse discurso. Volochinov discute a inviabilidade de separar o caráter sincrônico e diacrônico do signo; a *dia-sincronia* é a propriedade que permite a ubiquidade e o valor da palavra.

A negação das dualidades saussurianas constrói um campo teórico novo, que permite entender a produção de sentido a partir do sistema de signos linguísticos como constituinte das relações de comunicação entre seres humanos historicamente situados e no contexto de produção da vida. Cotidiano e história (BACCEGA,1995) se encontram na fabricação dos signos que assim produzem sentidos.

Para voltar e sair da Linguística é pertinente abordar as contribuições de Hjelmslev e Benveniste. Ambos partem da obra de Saussure e trazem contribuições dinâmicas para se ampliar a compreensão da linguagem verbal e a produção de sentidos, mesmo que em perspectiva positivista.

Hjelmslev afirma que o signo é a união do plano da expressão com o plano do conteúdo. A cada um dos planos correspondem forma e substância. Vê-se que Hjelmslev abandona a concepção dual de signo de Saussure para dar a ele relevância de maior profundidade. O autor

(2013, p. 57) afirma: “[...] o sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer.”

A cada Plano corresponde forma e substância. Assim, o Plano da Expressão é composto por forma da expressão e forma da substância; e o Plano do conteúdo é composto por forma do conteúdo e substância do conteúdo. O valor da diferença que organiza os eixos do sistema da língua para Saussure é aprofundado por Hjelmslev, pois o valor da diferença estrutura a forma do signo. A forma é o valor, ou seja, o conjunto de diferenças; no caso da língua, sonoras e semânticas. O signo significa em contexto. Mas como um lógico, positivista, não trata do contexto como historicidade, e sim como relações entre signos. Ressalta-se que Hjelmslev enuncia sua proposta como uma teoria para todos os tipos de signos. Ele pretende fundar uma teoria matemática do signo, a glossemática.

A dicotomia saussuriana mais polêmica talvez tenha sido aquela que ele estabelece como língua e fala. A contestação a essa separação entre a língua, instituição social, e a fala, ato individual, expressa-se no nascimento da Sociolinguística. Mas vamos saltar para tratar não das diferenças entre elas, mas sim das relações. É Benveniste (2014) que transforma a dualidade em relação, ou melhor, em mediação. Para ele, a relação entre língua e fala está na mediação do ato enunciativo. A enunciação é onde a língua se realiza na fala. É a instância de mediação entre língua e fala (FIORIN, 2013). O enunciado como produto da enunciação se organiza nas categorias de pessoa, tempo e lugar. Essa mediação é a situação de enunciação, ou seja, o processo efetivo de comunicação. É a concretude da realização da língua na fala.

Benveniste cria a teoria enunciativa, na qual os elementos de pessoa, tempo e lugar constituem os eixos analíticos que permitem progredir na compreensão da comunicação. Ele privilegia a interação enunciativa do eu-tu como pessoas do discurso, destaca o papel do pronome de terceira pessoa como não-pessoa da enunciação. Sua proposta teórica coloca a enunciação como jogo de formas linguísticas que marca a subjetividade e a relação intersubjetiva. Ou seja, a relação intersubjetiva se materializa na situação de enunciação. Com isso, a noção de discurso se coloca como a ancoragem para a produção de sentidos.

Saussure, Hjelmslev e Benveniste colocam o signo como elemento concreto na produção de sentido e ressaltam a comunicação entre sujeitos como lugar da realização dos signos. Na perspectiva da crítica à teoria de Saussure, as teorias do discurso emergem como aspecto que articulam dialeticamente, sobretudo a dualidade diacronia e sincronia. Aqui o

externo e o interno da língua, o histórico e o factual são compreendidos em sua dialética, como fenômenos que se interpenetram, se correspondem e se influenciam.

Volochinov esclarece que o valor da diferença, que está no signo, segundo Hjelmslev, se constrói nas relações sociais e que o signo é um produto ideológico dessas interações. Nas palavras do autor (2007, p. 91):

A esfera ideológica é a esfera do signo. Nesta mesma esfera estão as representações, o símbolo religioso, a fórmula científica e a forma jurídica etc. Cada um desses campos possui a sua própria função no conjunto da vida social e reflete e refrata a realidade social de maneira específica.

Desse modo, a palavra é um *signo neutro* pois adquire valor ideológico na interação verbal, no processo de comunicação social. A palavra não tem uma função ideológica específica, transita por diferentes campos semióticos. Esse transitar se efetiva no cotidiano. É nas interações da vida vivida que a palavra vai adquirindo seus diferentes valores. A ideologia do cotidiano (VOLOCHINOV, 2017) é a atividade mental centrada na vida cotidiana, que se diferencia dos sistemas ideológicos constituídos: arte, moral, direito, religião etc. Como instituições sociais e meios de produção (WILLIAMS, 2011), os meios de comunicação também são esse lugar do embate das lutas dos sentidos. Na arena das lutas está o discurso, a palavra. Como arena de lutas, os meios de comunicação ampliam a importância dos processos de produção e circulação dos discursos.

A noção de contexto e historicidade do discurso está atravessada por um conjunto de outros discursos: interdiscursos que conformam o contexto da comunicação por meio da memória, do tema e da historicidade na qual estão entrelaçados tema, memória e condições de produção dos enunciados. Orlandi (2007, p. 30) explica que as condições de produção podem ser consideradas em sentido estrito e amplo. Em sentido estrito, “[...] temos as circunstâncias da enunciação; é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.”

A vida cotidiana é a arena dos embates de sentidos. Nesta perspectiva, o mundo do trabalho tem dupla importância. Ele se constitui como o espaço-tempo da maior parte de nossas vidas e como fundamento da organização social e econômica das sociedades humanas (sobretudo no capitalismo). Assim, a linguagem pode ser analisada como trabalho, ou seja, as atividades laborais que dependem da linguagem: professores, comunicadores, profissionais de telemarketing (BOUTET, 2006) etc. E quaisquer atividades de trabalho, pois são acompanhadas pela palavra – todo gesto do trabalho subentende uma relação de comunicação:

as normas, ordens, prescrições para a atividade, a atividade de planejamento e interação com outros no trabalho etc. (FÍGARO, 2018). Dessa forma, o mundo do trabalho comporta e se insere nas disputas de sentidos que se expressam nos discursos.

As dualidades que categorizam a língua, fora do quadro positivista e esquemático de Saussure, deixaram oportunidades analíticas para a produção teórica crítica, cujo instrumental analítico retomou as características (signo, valor da diferença, língua, fala, sincronia, diacronia) para reformulá-las sob a ótica das implicações concretas, sociais e históricas em que a linguagem verbal se constituiu e continua a se constituir nas relações sociais.

Com esse percurso teórico de compreensão, que vai da relação linguagem-pensamento e discurso-história à produção de sentidos como resultado das relações sociais e suas implicações ideológicas, aborda-se o mundo do trabalho como espaço-tempo privilegiado para se compreender as disputas discursivas que envolvem a sociedade. Um mundo do trabalho que só pode ser observado e analisado quando se consideram as relações de comunicação, reveladoras dos sentidos dos discursos.

3. Comunicação e trabalho como abordagem teórico-metodológica

A Comunicação, como campo científico, tem o privilégio de entrar no cerne das relações que se dão no trabalho para compreender um amplo leque de questões ali envolvidas. O trabalho como categoria estruturante das sociedades humanas e forma de produzir e organizar o cotidiano, quando entendido em sua dupla face (MARX, 2013), produção de mercadorias e produção da vida, incorpora o conceito de comunicação como o outro duplo da realização de qualquer atividade. Desta feita, comunicação e trabalho é um binômio teórico identificado com a ontologia do ser social (LUKÁCS, 2012).

A comunicação requer linguagens e a linguagem verbal, como explica Vygotsky (2005). Assim, a comunicação requer sistemas de signos, sobretudo a comunicação no mundo do trabalho, em que o gesto e a palavra se encontram para a efetivação da atividade (BOUTET, 2006; SCHWARTZ, 2004). O gesto e a palavra são produtos e produtores de valores – mercadorias materiais e simbólicas, sobretudo os discursos. O valor da diferença é fundamental. Para Saussure (2006), permite a existência do signo linguístico (porque A não é B); para Hjelmslev (2013), estrutura forma e substância, evidenciando as peculiaridades que permitem as infinitudes de sentidos; para Volochinov (2017), revela a ubiquidade da palavra e como ela pode ocupar qualquer campo ideológico no contexto concreto de comunicação.

Para os analistas do discurso, o valor da diferença se constitui nas interações específicas entre sujeitos e temas do discurso, ancorados nos atravessamentos interdiscursivos dos contextos de comunicação. Em Marx, a linguagem, além de ser a mais antiga forma de consciência, é a forma da consciência (2007). Marx também trata de forma e substância do capital (2013). Explica como o significado da forma-dinheiro se transmuta em (significado de) mercadoria e subsume a substância do tempo de trabalho para a produção como o fundamento do mais valor.

Essas reflexões em torno de valor, diferença e forma, aspectos do signo, no processo de significação são apenas alguns indicadores da relação de comunicação e trabalho na organização de nossos sistemas sociais e a pertinência desse campo de estudo que se abre para a área da Comunicação.

Para tratar do mundo do trabalho por meio do binômio comunicação e trabalho, os pressupostos teóricos-metodológicos discutidos são fundamentais. Trata-se agora de discorrer sobre as técnicas de pesquisa que foram empregadas para o estudo dos discursos dos profissionais destacados em nossa análise.

O material empírico vem de três pesquisas: duas de doutorado e uma de mestrado⁶. São pesquisas conduzidas por meio da Análise de Discurso (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 2011; VOLOCHINOV, 2017; FIORIN, 2013; BACCEGA, 1995) dos enunciados de profissionais de diferentes setores. Nesses discursos, quais sentidos o trabalho adquire no contexto de mudanças tecnológicas? Como as interações do cotidiano do trabalho revelam os dilemas mais profundos da atualidade? As palavras dos trabalhadores são capazes de mostrar os sentidos em disputa no mundo do trabalho e na sociedade?

Para responder a essas questões, as pesquisas usaram a triangulação metodológica (FÍGARO, 2014), cruzando informações de diferentes técnicas de investigação. A partir da técnica da bola de neve identificaram fontes de informantes: profissionais de publicidade, de tecnologia da informação (TI) e uma pessoa com deficiência (PcD) motora, que é advogada. Cada pesquisador construiu o roteiro de perguntas semiestruturado para entrevistas em

⁶ Respectivamente, as investigações são **Muito além da porta de entrada**: as relações de comunicação no mundo do trabalho das pessoas com deficiência motora e suas contribuições no processo de inclusão social (KINOSHITA, 2024); **Mudanças no mundo do trabalho dos mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de publicidade programática** (OLIVEIRA, 2024) e **As relações de comunicação e trabalho no setor da tecnologia da informação e os discursos de incentivo ao trabalho excessivo** (SANTANA, 2023). Todas foram orientadas pela Prof^a Dra. Roseli Fígaro, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP.

profundidade, realizadas presencialmente ou de forma *online*. Além das entrevistas, as pesquisas previamente utilizaram outras técnicas para chegar ao contexto de trabalho e aos informantes. Cada qual aportou técnicas convenientes ao problema de pesquisa.

Foram usados pesquisa documental (as três); *survey* aplicado à amostra quantitativa de trabalhadores (trabalhadores de TI); entrevistas com representantes de instituições e empresas (as três); observação da situação de trabalho (PcD motora). As entrevistas foram gravadas, transcritas, revisadas e analisadas com base na Análise de Discurso, cujo repertório teórico recobre as abordagens de Orlandi (2007), Pêcheux (2011), Volochinov (2017) e Maingueneau (2018).

Neste artigo, reorganiza-se o contexto analítico originado destas pesquisas. Deslocam-se os enunciados dos trabalhadores das relações interdiscursivas relativas às informações e solicitações dadas pelos pesquisadores sobre as investigações a cada trabalhador. Recompõe-se o quadro analítico em outro espectro, qual seja, aquele proposto pelas questões deste artigo e no qual os discursos das diferentes áreas profissionais são justapostos e a corrente discursiva que se obtém é atravessada por inter e intradiscursos consoantes ao processo dialógico de produção de sentidos (BAKHTIN, 2010).

A apresentação e a análise dos discursos dos trabalhadores serão exercitadas no próximo item, buscando, nos deslocamentos das singularidades encontrar as particularidades das marcas discursivas que medeiam as relações de trabalho e nos permitem verificar a universalidade (PASQUALINI; MARTINS, 2015) que se mostra na contraditória condição do trabalhador explorado e sujeito de sua história.

4. Análise dos discursos: os trabalhadores falam sobre o trabalho

A singularidade do enunciado de cada trabalhador, qual seja a situação de entrevista a pesquisadores diferentes, em locais diferentes, todas realizadas em 2023, tem o objetivo geral de estudar os sentidos do trabalho mostrados pelos discursos de cada um desses respondentes. Todas respostas foram obtidas a partir do aceite dos termos de autorização do sistema da Plataforma Brasil.⁷

⁷ Os respectivos registros das pesquisas na Plataforma Brasil são: 4.5201521.7.0000.5390 (KINOSHITA, 2024), 5.9487622.1.0000.5390 (SANTANA, 2023) e 6.2740422.4.0000.5390 (OLIVEIRA, 2024). As investigações tiveram parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, estando em conformidade com os preceitos do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos.

A Análise de Discurso é uma abordagem científica de interpretação dos processos de significação estabilizados ou em estabilização no circuito das redes discursivas que se sobrepõem, interconectam, negam-se, corroboram temas e sentidos, conformando formações discursivas e ideológicas específicas. Os efeitos de sentidos são constitutivos desse produto discursivo à medida que remontam às relações sociais. Como diz Eni Orlandi (2007, p. 78), “[...] a interpretação é constitutiva da própria língua. E onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar.”

Os enunciados pertencem a situações singulares de enunciação, mas quando interpretados no advento da particularidade de circularem no mundo do trabalho e tratarem sobre o mundo do trabalho, potencializam justaposições de similaridades em diferentes níveis de interpretação que podem revelar a universalidade a que se remetem quando tratam do trabalho.

A leitura sistemática das respectivas entrevistas, cujos enunciados estão presentes neste artigo, fazem emergir formações discursivas temáticas em quadro interpretativo comum. Conquanto, constituindo subjetividades próprias e com expressões contraditórias e ideologicamente não assumidas pelos enunciadoreis, as justaposições dos enunciados revelam os temas: a tecnologia versus a inteligência humana; o desprezo pelo ser humano por parte das empresas (capital); a discriminação da mulher e da trabalhadora que é PcD no ambiente de trabalho.

5. A máquina versus o humano: trabalho vivo e trabalho morto

Com base no Quadro 1, iniciamos a análise dos discursos dos trabalhadores. Os dois primeiros são de um diretor de criação⁸ e o último, de um profissional de TI⁹.

⁸ Informações verbais obtidas em entrevista realizada em 16 de fevereiro de 2023 para a pesquisa de Oliveira (2024).

⁹ Informação verbal obtida em entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2023 para a pesquisa de Santana (2023).

A criação em si, o processo, muda completamente como se faz as coisas, porque hoje tem que criar de um jeito que a inteligência do algoritmo leia. Então, por exemplo, olho em zoom, fotos em preto e branco, para contrastar em relação às outras, pequenas animações, textos que em acordo com os conteúdos que estão em relevância no momento. A criação pensa no algoritmo o tempo todo quando vai criar. Hoje o algoritmo é o cliente. Ele se tornou o filtro pra gente.

Estamos trabalhando muito para desenvolver realidade virtual no metaverso, agora, porque o bicho vai pegar [...] Também temos roteiros para publicidade audiovisual que já estão sendo feitos com ajuda de inteligência artificial, que deixa a produção redondinha. [...] Isso você pode ver naquela série Stranger Things. Eles fizeram boa parte do roteiro com inteligência artificial. E a gente vai usar cada vez mais na publicidade.

A área de informática, o desenvolvimento dela toda, a gente costuma brincar o seguinte, a maioria das pessoas dizem assim: informática é uma ciência exata. Eu costumo dizer: só diz que é uma ciência exata quem não é da área. Só diz que é uma ciência exata, embora seja 0 e 1 o tempo inteiro, esse 0 e 1 é que muitas vezes nos embanana. [...] Tá, não gerou. Por que não dava erro? É estranho dizer isso: não saber o porquê. Porque quando dá um erro, tá, aqui a mensagem de erro ou tu vai ali, você descobre, tudo bem? Mas é, você de repente se depara com o imponderável, tá dando erro, mas e daí, por quê? Tá. E claro, aí, é uma dificuldade que às vezes acontece é você não ter o conhecimento que precisa naquele momento. Tá, aí, você tem que correr atrás do negócio.

QUADRO 1 – Enunciados de diretor de criação e de profissional de TI
FONTE – Oliveira (2024) e Santana (2023).

O trabalho em publicidade tem certo glamour. Há um imaginário coletivo de que os profissionais da área atuam em um campo muito privilegiado de condições de trabalho e de salários. Também é comum identificar que esses trabalhadores são muito realizados e têm certa proximidade com as artes. O trabalho de criatividade seria o imperativo que marca esse discurso imaginário circulante. No entanto, pesquisas têm mostrado que não é bem essa a realidade (CASAQUI; LIMA; RIEDEL, 2011; ALVES, 2023; OLIVEIRA, 2024).

A discussão emerge na pesquisa de Oliveira (2024) que visa compreender as mudanças em curso no mundo do trabalho dos profissionais da área de mídia com o advento da publicidade programática.¹⁰ A investigação do processo de plataformação das atividades em

¹⁰ De forma geral, a publicidade programática é um tipo de compra e venda de espaços publicitários direcionados para públicos específicos ou personalizados. Tanto o modelo de compra programática (Real Time Bidding – RTB – Leilão em Tempo Real) como seu processo de veiculação de mídia digital são automatizados, em um complexo ecossistema que se estrutura a partir de dados pessoais, algoritmos, plataformas, correspondência de dados (*Data Matching*). A este respeito, o objetivo da programática é promover, de forma automatizada, o encontro entre o anúncio certo e o público exato, independentemente do veículo ou canal onde ele esteja.

agências de publicidade faz com que a autora busque os discursos dos trabalhadores, coerente com a abordagem teórico-metodológica do binômio comunicação e trabalho.

São analisados discursos de publicitários da área de mídia em diferentes estágios da profissão, dos mais novos aos experientes. Do contexto geral das entrevistas e das análises realizadas, avaliou-se a pertinência de destacar para este artigo alguns enunciados, os quais justapostos ao discurso do profissional de TI trazem *insights* relevantes para se pensar o trabalho humano em relação à máquina.

Padecem do mesmo estigma imaginado os trabalhadores de TI. O Brasil tem carência desse perfil profissional. Diferentemente dos publicitários, eles são atualmente bastante requisitados. Há, nesse imaginário, a circulação discursiva de que tais trabalhadores (a maioria homens) desfrutam de privilegiados salários e condições de trabalho. Se os salários são comparativamente mais elevados do que em outras profissões, mesmo para os novatos, as condições de trabalho são questionáveis sobretudo pelas extensas jornadas de trabalho. Santana (2023) estudou esse perfil profissional e o excesso de trabalho como marca dos discursos tanto para exaltação individual quanto para lamentar perdas em relação à saúde e aos relacionamentos pessoais e afetivos.

Os discursos justapostos mostram formações discursivas que tratam da relação humano-máquina nas rotinas de trabalho. As formações discursivas revelam perfis singulares das formas de expressão de cada profissional e trazem em comum o dilema entre o trabalho vivo e o trabalho morto (MARX, 2013). O trabalho vivo é o trabalho concreto efetivado pelo ser humano. O trabalho morto é o trabalho consolidado, sintetizado na forma de uma ferramenta, uma máquina. O dilema em ambos discursos é a disputa entre ser humano e máquina.

O dilema presente no enunciado do diretor de criação é: “[...] hoje tem que criar *de um jeito* que a inteligência do algoritmo *leia*.” O que interpretamos daí é o embate ideológico que circula na sociedade de que a máquina é mais inteligente, mais objetiva e eficiente do que o ser humano. A ideologia tecnocrata hegemônica submete o humano ao maquínico como justificativa à expropriação do trabalho. O enunciado é quase um roteiro da atividade diária de como se faz a publicidade a partir da lógica algorítmica. A fala revela que há procedimentos técnicos específicos que conformam forma e substância da peça publicitária. Tais procedimentos são externos à atividade profissional. A submissão à lógica algorítmica aparece com plenitude.

O algoritmo dita as formas, dispõe do ferramental normativo a ser seguido: “*Hoje o algoritmo é o cliente.*” Na linguagem comercial, o cliente sempre tem razão. O cliente é que traz o dinheiro, é a razão da existência da agência de publicidade. Portanto, o cliente manda. Assim se obscurece o papel da empresa publicitária como o ente que contrata e combina as condições do cliente. Mas há um não-dito neste enunciado: o cliente verdadeiro, a empresa que compra a publicidade está agora mediada por oligopólios como Google e Meta. Essa é a lógica do algoritmo da publicidade programática. A lógica de submeter ao seu comando as anteriores relações entre as agências de publicidade e seus clientes – meios de comunicação e empresas que buscam publicidade. O discurso do diretor de criação simula ter um novo chefe, que dita as normas: o algoritmo. O não dito expressamente é que as grandes empresas de plataformas digitais de comunicação estão alterando as formas de trabalhar na publicidade.

Há ainda um outro significado sublimado na fala do profissional. Os excertos seguintes mostram uma estratégia do trabalhador para pensar e agir de um novo jeito, criando novas técnicas em sua atividade para atender às lógicas algorítmicas: “[...] hoje tem que *criar de um jeito* que a inteligência do algoritmo *leia.*” e “*A criação pensa no algoritmo o tempo todo quando vai criar.*” Diferentemente da máquina ferramenta analógica, a máquina ferramenta digital subsume tempo-espço ao se reconfigurar com os dados de bilhões de seres humanos que alimentam o *big data*. O aprendizado de máquina nada mais é do que a constante reconfiguração programada por meio de dados e treinamento de máquina feito por humanos.

O publicitário, ao criar do jeito da norma algorítmica, está, ao mesmo tempo, fazendo duas atividades: aprendendo a modular seu trabalho a partir do funcionamento da máquina e fornecendo seus dados do gesto do trabalho para inovar as lógicas algorítmicas. Estas são as grandes novidades que a apropriação capitalista do conhecimento científico trouxe para aumentar a subsunção do trabalho. O enunciado do diretor de criação fortalece a interpretação: “*Estamos trabalhando muito para desenvolver realidade virtual no metaverso, agora, porque o bicho vai pegar [...]*”.

O “bicho vai pegar” é uma gíria para enunciar que haverá dificuldades. Estão “trabalhando muito” revela que ao contrário das facilidades trazidas pela máquina que diminuiria o tempo e o esforço no trabalho, temos um sentido contrário. Trabalha-se muito, em maior ritmo, com equipes menores e com responsabilidades maiores. As injunções positivas e negativas da máquina algorítmica atingem em cheio a criatividade de publicitários. O processamento dos dados das formas de roteiros de séries e demais programas de ficção, tão

bem apropriados pelas empresas de *streaming*, também entram na publicidade. Assim, “[...] temos roteiros para publicidade audiovisual que já estão sendo feitos com ajuda de inteligência artificial [...]”. Espanto, conformidade e, talvez, ao mesmo tempo, desafio. A máquina é o conhecimento do ser humano armazenado, seja ele capturado e remodelado no instante da atividade ou não.

Desafiado pelo erro do sistema, o trabalhador tem de buscar formas de resolução dos problemas. É o trabalhador de TI que reporta seu cotidiano em confronto com os discursos hegemônicos circulantes: “*A área de informática, o desenvolvimento dela toda, a gente costuma brincar o seguinte, a maioria das pessoas dizem assim: informática é uma ciência exata. Eu costumo dizer: só diz que é uma ciência exata quem não é da área. Só diz que é uma ciência exata, embora seja 0 e 1 o tempo inteiro, esse 0 e 1 é que muitas vezes nos embanana [...]*”.

A fala evidencia o dilema profissional, a capacidade de interpretar o código e produzir raciocínios abstratos que exigem a expansão contínua do conhecimento sobre novas ferramentas, ajustes, atualizações, além da capacidade de interpretação. Também coloca em circulação um enunciado de fora de seu discurso, que pertence à sociedade, o qual sobreleva a objetividade do sistema algorítmico, a ideologia tecnicista que desvaloriza o humano. Por que deu erro se a rotina segue as prescrições, por que não gerou o código? O trabalhador de TI revela as dramáticas do cotidiano, a gestão de si no trabalho (SCHWARTZ, 2004): “*Aí tu tentava três, quatro, cinco vezes. E agora deu certo, mas por que ele deu certo? Não sei. Manda embora, vai... Então, às vezes, a maior dificuldade, por incrível que pareça, é a gente se defrontar com coisas que a gente não sabe o porquê [...]*”.

O enunciador, para reportar o embate com o real do trabalho, simula uma interlocução com um hipotético colega/chefe de trabalho. “*Manda embora, vai...*” é um interdiscurso, é uma outra voz que aparece para sanar e aliviar o embate com a máquina. Há uma falha na máquina, no processo de gerar o código, tal falha torna-se um dilema que desafia a capacidade de o trabalhador realizar seu trabalho. Mas a falha do sistema, que está sendo desenvolvido ou operado pelo desenvolvedor, exige que ele se aprimore: “*Tá, aí, você tem que correr atrás do negócio.*” Sim, é o trabalho humano que tem de resolver a falha.

Nessa formação discursiva, vê-se a estratégia do enunciador de contrapor ao discurso hegemônico sobre a exatidão da informática o discurso entre colegas de trabalho, os quais, no debate de normas da atividade concreta, se apoiam para resolver o dilema do momento. Há

ainda o dilema de não saber como resolver o que não se sabe. Como a falha aparece e interdita a ação? A solução é buscar saber mais. Os trabalhadores têm de se virar e buscar por si próprios os conhecimentos para o desempenho de seu labor.

6. Trabalho subsumido pelo capital: o desprezo pelo ser humano

Para tratar desta proposição, vamos nos basear nos discursos de um outro trabalhador de TI¹¹ (o primeiro) e da advogada que é PcD motora¹² (os dois seguintes), conforme consta no Quadro 2.

Qual é o maior problema atualmente nas empresas que adotaram o home office? Pelo menos na minha, o problema é: como o júnior vai aprender? Não vejo saída para isso porque estou trabalhando com muitas pessoas e há distanciamento. [...] O júnior, que não tem experiência, não está aprendendo. [...] Esse problema ficou muito evidente para mim quando alguns funcionários foram promovidos a desenvolvedores juniores, mas não possuem conhecimentos básicos de lógica (de programação). Foi um erro tê-los colocado nessa posição. Poderíamos ter dado a eles espaço para aprender, o que é saudável, mas agora estão sendo considerados desenvolvedores e não estão aprendendo a desenvolver. Provavelmente estão frustrados porque não estão trabalhando com outros desenvolvedores, o que é importante para aprender com a experiência.

Eu havia passado em um processo seletivo e estava sendo tratada como a sortuda. [...] Você fica numa posição de não poder argumentar e eu queria argumentar, mas parecia que eu estava sendo ingrata. [...] A mulher não me acolheu bem. Ela não me dava nada para fazer e eu fiquei me sentindo mal. [...] Eu não tinha noção do que era ser uma pessoa com deficiência no ambiente de trabalho.

Fiquei pirada porque nunca tinha ficado desempregada. Para mim era essencial estar trabalhando. Fiquei nove meses desempregada e me sentindo mal realmente. Não que eu achasse que aquilo ali fosse o meu futuro. Mas eu estava empenhada em aprender bastante coisa [...] Não era uma ideia consciente. Isso percebi depois: que a minha movimentação foi se direcionando para a minha independência. O trabalho era uma forma de obter independência e liberdade, no sentido de que a cabeça sempre foi muito longe. E o corpo não ia.

QUADRO 2 – Enunciados de trabalhador de TI e de PcD motora
FONTE – Santana (2023) e Kinoshita (2024).

A desconsideração sobre a importância do trabalho vivo (MARX, 2013) é a grande questão sentida pelos trabalhadores. O desprezo pelo fazer de quem trabalha. Essa é uma

¹¹ Informação verbal de um segundo trabalhador de TI, obtida em entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2023 para a pesquisa de Santana (2023).

¹² Informações verbais obtidas em entrevista realizada em 14 de julho de 2023 para a pesquisa de Kinoshita (2024).

questão de fundo de muitos problemas de saúde. No enunciado do trabalhador de TI é clara a preocupação com os mais jovens, que precisam de tempo e relacionamento com os mais experientes para aprender. A atividade sempre requer o outro. O trabalho é um ato coletivo, traz em si uma corrente de histórias de prescrições e aprendizados que são transmitidos na prática diária do labor.

É falso pressupor que o trabalho se faz por si, sem as relações sociais, sem a solidariedade entre as equipes, o que Schwartz cunhou de “entidades relativamente pertinentes” (2004). É preciso dar “[...] *espaço para aprender, o que é saudável, mas agora estão sendo desenvolvedores e não estão aprendendo a desenvolver.*” A voz que se faz ouvir nesse enunciado é de um trabalhador experiente que, mesmo empiricamente, sabe a relevância da transmissão de conhecimentos entre parceiros de trabalho.

O desprezo pelos trabalhadores permanece na sociedade dividida em classes, sobretudo no contexto neoliberal da ideologia do individualismo e do sucesso a qualquer custo. A fala da PcD motora revela o que vai pelos discursos circulantes na sociedade: “*Eu havia passado em um processo seletivo e estava sendo tratada como a sortuda. [...] Você fica numa posição de não poder argumentar e eu queria argumentar, mas parecia que eu estava sendo ingrata. [...] A mulher não me acolheu bem. Ela não me dava nada para fazer e eu fiquei me sentindo mal. [...] Eu não tinha noção do que era ser uma pessoa com deficiência no ambiente de trabalho.*” Sortuda é um adjetivo que qualifica alguém por ter muita sorte. Sorte de quê? Sorte por ser uma PcD e ter passado em um processo seletivo para ocupar um posto que poderia ser de um outro trabalhador qualquer.

Por ser PcD, ela foi ignorada na distribuição de tarefas. O desprezo, materializado na negação da presença desta trabalhadora, talvez tenha significação de pena ou imputação de incapacidade ou ambos. A invisibilidade imposta representa o preconceito incorporado nas atitudes mais rotineiras. O mundo do trabalho revela a brutalidade desses atos e sofrimentos de todos os tipos.

O desemprego é outra situação que causa, além da carência para as condições de vida, o sofrimento do não reconhecimento, não ter um lugar na sociedade. Para uma trabalhadora que é PcD, o desemprego pode ter ainda o sentido redobrado da invisibilidade, da dependência, o olhar da caridade, da pena. É assim que ela revela sua situação e a descoberta de que o trabalho deve ter reconhecimento.

A Lei de Cotas¹³ para PcD ainda é pouco cumprida no Brasil. Kinoshita (2024) faz levantamento minucioso sobre a falta de informações confiáveis em torno da temática. Confronta documentos, pesquisas oficiais, dados de outros investigadores, leis e procedimentos adotados por empresas contratantes. O resultado é expresso pela fala da trabalhadora: “*Eu não tinha noção do que era ser uma pessoa com deficiência no ambiente de trabalho.*” O investigador acompanhou um dia na rotina de trabalho desta profissional. As falas e as imagens coletadas revelam as dificuldades, o esforço para conquistar reconhecimento e a completa falta de adaptação ergonômica dos locais de trabalho.

7. A discriminação no mundo do trabalho: longe das leis de inclusão

Aqui embasamos a análise nos discursos de uma profissional de TI¹⁴ (o primeiro) e da advogada que é PcD motora¹⁵ (os dois últimos).

Nossa credibilidade e profissionalismo são questionadas, somos menos levadas a sério, mulheres mais objetivas são facilmente taxadas de arrogantes e é mais difícil de se enturmar, você não é chamada pro happy hour a menos que prove que é uma “mulher sem frescuras” e mesmo provando pode não ser convidada porque as companheiras dos colegas de trabalho podem não gostar [...] Sinto que preciso sempre me provar mais pra ter o menor grau de credibilidade.

Há o fato de que, por vezes, quem é PcD tem vergonha de indicar suas reais necessidades, como se isso fosse um limitador para se obter um trabalho. Por outro lado, as organizações não pensam no que acontece após selecionar uma pessoa com deficiência.

Faço minhas críticas, quando necessário [...] Vejo a adequação das vagas oferecidas ou que venham a ser abertas com a função a ser desempenhada, olho toda a questão da legislação relativa à pessoa com deficiência, indo da contratação até mesmo o que precisa ser flexibilizado de maneira concreta.

QUADRO 3 – Enunciados de trabalhadora de TI e de PcD motora
FONTE – Santana (2023) e Kinoshita (2024).

É no mundo do trabalho que os valores se consolidam socialmente. O espaço-tempo de realização das contradições objetivas do sistema social perpassa o mundo do trabalho. A

¹³ A lei federal 8.123/1991 estipula que empresas com 100 ou mais empregados devem reservar de 2% a 5% de suas vagas a pessoas com deficiência.

¹⁴ Informação verbal obtida em entrevista realizada em 14 de março de 2023 para a pesquisa de Santana (2023).

¹⁵ Cf. nota de rodapé número 12.

solidariedade é fundamental no desempenho da atividade. Ao mesmo tempo, é combatida com veemência pela lógica neoliberal, que prega o individualismo como mantra ao sucesso. Nessa lógica, os corpos não perfeitos ao trabalho estão descartados. A história de recusa do ser humano com deficiência é dolorosa e só mais recentemente avançam as leis na promulgação dos direitos dessas pessoas, embora ainda não reconhecidos na prática no mundo do trabalho.

O enunciado da advogada que é PcD é revelador: *“Há o fato de que, por vezes, quem é PcD tem vergonha de indicar suas reais necessidades, como se isso fosse um limitador para se obter um trabalho.”* Transita-se entre o desprezo, a invisibilidade e a ignorância. Ser reconhecida como PcD demanda adaptação das tarefas e do lugar de trabalho à pessoa. Esse é um dilema tratado pelos estudos da Ergonomia da atividade e pela Ergologia (SCHWARTZ, 2004). É preciso que se considere o ser que trabalha e suas necessidades para que o trabalho se viabilize.

Ser mulher e ser uma trabalhadora com deficiência motora desafiam os estereótipos e os preconceitos que circulam no mundo do trabalho. Ser mulher é quase um adjetivo negativo para algumas especialidades de tarefas. Assim se vê a trabalhadora de TI, em setor eminentemente masculinizado, cujo ambiente é hostil às mulheres, pouco consideradas com capacidade intelectual ao tipo de trabalho: *“Nossa credibilidade e profissionalismo são questionadas, somos menos levadas a sério, mulheres mais objetivas são facilmente taxadas de arrogantes e é mais difícil de se enturmar, você não é chamada pro happy hour a menos que prove que é uma ‘mulher sem frescuras’ e mesmo provando pode não ser convidada porque as companheiras dos colegas de trabalho podem não gostar [...]”*. Não são levadas a sério significa que a tarefa que realizam precisará certamente ser conferida por um homem para poder seguir na produção.

O não-dito presente no enunciado é a descartabilidade do feminino neste espaço masculinizado. O que significará *“mulher sem frescuras”* na roda de machos no *happy hour*? Certamente, estarão aí incluídas as queixas delas sobre os temas das conversas, os usos de gírias e frases de baixo calão, os gestos. Pode estar nesse vocábulo a síntese de que elas precisam se portar como homens. Mas também parece não ser esta a questão, pois se assim o fazem, são *“taxadas de arrogantes”*. Esses enunciados revelam como as lógicas do sistema de discriminação e exploração obliteram a capacidade crítica das pessoas. As ideologias hegemônicas estão vivas nas palavras e comportamentos dos trabalhadores no cotidiano.

A questão feminina e do trabalho da mulher encontram a dupla barreira de força de trabalho tratada como de segunda categoria – salários mais baixos, cargos inferiores, desrespeito às necessidades e diferenças de seu corpo, do existir próprio do corpo feminino; e ser humano tratado como secundário, fraco e necessariamente submetido às lógicas do cuidado e da procriação. Não emergem das formações discursivas, ideológicas das trabalhadoras que aqui enunciam traço de maior resistência. Há, no entanto, o desconforto, percebe-se o sofrimento de quem se vê desrespeitada em sua capacidade, mas não há um enunciado de consciência do papel da mulher na sociedade e de que o trabalho, como atividade humana para servir ao conjunto, precisa ser organizado em acordo às pessoas que trabalham. As palavras em disputa de sentidos emergem como revolta e conformidade, impulso, tentativa de ação e desconsolo.

8. Considerações finais

Os discursos dos trabalhadores, oriundos das particularidades das respectivas funções e enunciados em condições de produção específicas e relativas a cada pesquisa, revelam os sentidos dos valores nas relações de trabalho. É constrangedor apurar que emergem nos discursos a desvalorização do trabalho humano, da mulher trabalhadora e da PcD.

As formações discursivas e ideológicas são atravessadas pela forma hegemônica do discurso, ou seja, como fato dado e objetivo. Há uma formação discursiva e ideológica que tenta enunciar certo desconforto, descontentamento, mas em um quadro de subserviência. A PcD motora demonstra um compromisso até profissional, com a crítica às condições de trabalho ofertadas às vagas para PcD. Seu trabalho é exatamente o de acompanhar o cumprimento da Lei de Cotas na organização em que atua.

A trabalhadora de TI enuncia os sentidos de seu descontentamento e seu alijamento quanto ao ambiente de trabalho. Há uma forma consagrada hegemônica de colegas homens que não respeitam o trabalho de mulheres profissionais de tecnologia. O trabalhador de TI tem consciência de que a informática, mais do que matemática, é acompanhar os motivos das falhas tanto do sistema quanto da necessidade de atualização de certos detalhes das linguagens com as quais trabalham.

O publicitário tem uma visão clara sobre o andamento das mudanças em seu mundo do trabalho, sabe que o valor do profissional está em quanto ele consegue acompanhar as

mudanças e se mostrar relevante frente ao chefe algoritmo. Mas há também no valor dos signos enunciados o deslumbramento com o uso de algoritmos.

As palavras desses enunciados adquirem um valor contraditório. Os efeitos de sentidos circulados por esses discursos trazem a questão da capacidade humana na produção e o quanto isso traz realização, identificação, independência, sentimento de solidariedade, mas também desconforto, dúvida da capacidade própria, sensação de instabilidade e insatisfação.

A trajetória teórica que expusemos neste artigo, ou seja, a compreensão do que é a linguagem, o processo de significação e o que ele materializa por meio das palavras na realidade social, é que nos permite analisar os discursos desses trabalhadores. A forma do dizer e o valor do dito nesses enunciados produzem sentidos que não escapam à lógica do discurso hegemônico de menosprezo e exploração do trabalho. As marcas de insatisfação e de solidariedade, no entanto, são formas poderosas que podem evoluir.

Referências

- ALVES, M. D. *Entre o provisório e o incerto: modos de trabalho em uma agência de publicidade colaborativa*. **Revista Galáxia**, n. 48, 2023.
- BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso: literatura e história**. São Paulo: Ática, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: EdUnesp, 2014.
- BOUTET, J. *A atividade do trabalho nas centrais de atendimento: um trabalho de linguagem*. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 31, n. 114, dez. 2016.
- CASAQUI, V; LIMA, M. C.; RIEGEL, V. **Trabalho em publicidade e propaganda**. História, formação profissional, comunicação e imaginário. São Paulo: Atlas, 2011.
- FIGARO, R. *Triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho*. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, maio/ago. 2014.
- _____. *Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas*. **Revista Galáxia**. PUC-SP, 2018.
- FIORIN, J. L. *Enunciação e Comunicação*. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- KINOSHITA, J. O. **Muito além da porta de entrada: as relações de comunicação no mundo do trabalho das pessoas com deficiência motora e suas contribuições no processo de inclusão social**. São Paulo, 2024. Tese de doutorado – Escola de Comunicações e Artes/USP.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2018.
- MARX, K. **O capital**. Crítica da economia política. v. I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo; Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, D. F. **Mudanças no mundo do trabalho dos mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de publicidade programática**. São Paulo, 2024. Tese de doutorado – Escola de Comunicações e Artes/USP.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. *Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia*. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 362-371, 2015.

PECHÊUX, M. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

SCHWARTZ, Y. *Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial*. **Revista Trabalho, Educação, Saúde**. v. 2, n. 1, p. 33-55, 2004.

SANTANA, Y. **As relações de comunicação e trabalho no setor da tecnologia da informação e os discursos de incentivo ao trabalho excessivo**. São Paulo, 2023. Dissertação de mestrado – Escola de Comunicações e Artes/USP.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2015.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: EdUnesp, 2011.